

ADELITA JACOBY SABATKE

TRABALHANDO COM CRIANÇAS AGRESSIVAS

Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR : IVERSON LADEWIG

*Aos meus pais que me ensinaram a
evitar a violência e a exaltar a
razão e a compaixão.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus colegas Bruno Albuquerque, Carla Ise, Daniel Ulandoski e Everson Rosa por terem me apoiado na primeira fase do trabalho, ainda no terceiro ano de faculdade.

Aos meus pais, irmãos e ao Rafael Trasel pela paciência e compreensão na fase de construção do trabalho.

Aos professores Iverson Ladewig e Cláudio Portilho, pelo auxílio.

A Pebranquinha, por me proporcionar ótimos momentos, me levando para longe do stress e da rotina.

Aos responsáveis pela minha motivação e pela minha vontade de ir adiante.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| DEDICATÓRIA..... | I |
| AGRADECIMENTOS..... | II |
| RESUMO..... | IV |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 1.1. PROBLEMA | 02 |
| 1.2. JUSTIFICATIVA..... | 02 |
| 1.3. OBJETIVOS..... | 03 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA..... | 04 |
| 2.1. DEFINIÇÕES DE AGRESSÃO..... | 04 |
| 2.2. TEORIAS DA AGRESSAO..... | 05 |
| 2.2.1. Teorias Instintivistas..... | 05 |
| 2.2.2. Teorias ambientalistas..... | 06 |
| 2.3. FATORES DA AGRESSÃO..... | 08 |
| 2.3.1 Formas de Agressão..... | 08 |
| 2.3.2 A Inibição da Agressão..... | 09 |
| 2.3.3 O Reforço da Agressão..... | 10 |
| 2.4. A AGRESSIVIDADE NORMAL..... | 11 |
| 2.5. DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AGRESSÃO..... | 13 |
| 2.5.1 Temperamento..... | 13 |
| 2.5.2 O Sexo..... | 14 |
| 2.5.3 O Meio..... | 16 |
| 2.5.3.1 A família..... | 16 |
| 2.5.3.2 Os meios de comunicação..... | 17 |
| 2.5.3.3 O ambiente..... | 18 |
| 2.6. A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA AGRESSIVA..... | 19 |
| 3. CONCLUSÕES..... | 20 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 23 |

RESUMO

A agressividade é muito debatida na sociedade em geral. (OTTA e BUSSAB, 1998, pg. 10). Segundo BALLONE, a conduta agressiva nas crianças pode ser influenciada por fatores temperamentais, sexuais, biológicos, cognitivos, afetivos e sócio-econômicos. Embora sejam fatores inegavelmente influentes, não atingem todas as pessoas por igual. Agressiva seria aquela criança que apresenta reações hostis, recorrentes e desproporcionais a estímulos para a resolução de conflitos ou alcance de objetivos. Esse comportamento é normal em certos períodos do desenvolvimento infantil, está vinculado ao crescimento e cumpre função adaptativa ao meio. Através de pesquisa bibliográfica, foi feita uma análise do comportamento agressivo manifestado em idade pré-escolar, relacionando com os benefícios que as aulas de educação física podem proporcionar a esse tipo de criança. SINGER (1975), MOSER (1991) e STORR (1968), colocam a atitude ou simples manifestação agressiva como meio de atingir um objetivo. MOSER (1991) explica que só são aprendidas as atitudes onde há êxito, enquanto as atitudes fracassadas não são repetidas. SINGER (1975), BALLONE (2002) e BEE (1977), concordam que a educação dada pelos pais à criança desempenha importante papel na formação de uma personalidade mais, ou menos agressiva. O homem é moldado por sua sociedade, tendo plenas condições de se desenvolver e progredir, contanto que seja permitido (FROMM, 1975, p. 348). SINGER (1975) mostra que a melhor maneira de tratar a agressividade dessas crianças é premiando as atitudes não agressivas. Os laços afetivos entre educador e educando influenciam muito na aceitação dos valores que estão sendo ensinados.

1. INTRODUÇÃO

A agressividade é sempre um tema muito debatido nos jornais, revistas e em programas de televisão, especialmente a agressividade juvenil, atualmente relacionada às ações das gangues, dos franco-atiradores de escolas, dos homicidas de grupos étnicos, ou simplesmente dos agressivos intrafamiliares (OTTA e BUSSAB, 1998, pg. 10).

Os adolescentes e jovens que se destacam pela hostilidade exagerada, podem ter um histórico de atitudes agressivas que reportam ao passado de sua infância, como no período pré-escolar, por exemplo, quando os avós, pais e "amigos" achavam que os comportamentos agressivos eram apenas um "excesso de energia" ou uma simples travessura de criança (BALLONE, 2002).

Segundo o mesmo autor, a conduta agressiva nas crianças é influenciada por fatores **individuais, familiares e ambientais**. Entre os fatores **individuais** encontramos a questão do temperamento, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva. A **família** influi através do vínculo afetivo, das interações entre seus membros. A televisão, os videogames, o computador, a escola e a situação sócio-econômica podem ser os **elementos ambientais** relacionados à conduta agressiva. Embora esses fatores sejam inegavelmente influentes, eles não atingem todas as pessoas por igual e nem submetem todos à mesma situação de risco.

O que se sabe, estatisticamente, é que a agressividade manifestada em idade pré-escolar, infelizmente evolui de forma negativa. Por isso é importante estudar e esclarecer os limites entre as travessuras da infância dos transtornos de conduta e do excesso de energia. Uma criança agressiva seria aquela que apresenta reações hostis, recorrentes e desproporcionais a estímulos, para a resolução de conflitos ou alcance de objetivos. Pode-se dizer até, que a conduta agressiva costuma ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil, está vinculada ao crescimento e cumpre uma função adaptativa no meio. De qualquer forma, hoje se acredita que a agressividade já pode aparecer em idades pré-escolares e, quando se manifesta, tende a continuar. Além disso, quando a agressividade é combinada com outras condutas problemáticas e desadaptadas a evolução se dá muito pior (BALLONE, 2002).

1.1 PROBLEMA

É muito comum durante as aulas de Educação Física ver os alunos em idade pré-escolar brigando por brinquedos, brigando com os colegas, agredindo os professores (DIAS, 1990, p. 05). Mais do que o simples fato de atrapalhar a aula, a agressividade passa a intervir na boa conduta do aluno, e o professor, como educador, deve ficar atento para tomar atitudes que não estimulem a continuidade destas ações. Mas que tipo de atitudes o professor deveria tomar? E baseadas em que? Ou em quem?

Por ser a única matéria a lidar diretamente o corpo, é justamente nas aulas de Educação Física que se evidenciam os alunos mais sintomáticos. É na interação com os colegas que aparecem os exageros e o motivo para o qual a criança usa a sua agressividade. Principalmente em idade pré-escolar, é aceitável uma certa dose de agressividade, mas é importante que fique claro até que ponto ela é considerada normal (BALLONE, 2002).

É um tema complexo de trabalho, pois abrange não só a questão física e psicológica da criança, mas também a sociedade atual e a família.

1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo DIAS (1990) a agressividade infantil tem uma presença muito marcante nas instituições de ensino. É muito complicado lidar com crianças agressivas, principalmente porque elas tumultuam as aulas e contagiam os outros alunos a ponto de deixarem a atividade proposta pelo professor, de lado.

As manifestações agressivas geralmente vêm acompanhadas de ataques físicos e verbais, e o professor, na função de educador tem que tomar providências justas e cabíveis. Ele deve ser coerente com as leis morais e sociais, sem que, com sua providência venha proporcionar qualquer tipo de vantagem ou satisfação ao agressor (TRAIN, 1997, p.47).

Como há vários tipos de agressão, e um nível em que é aceitável, é realmente uma grande responsabilidade para o professor, uma vez que o pai entrega o seu filho para a escola no intuito de que ela seja bem tratada e além do mais ensinada a viver dentro do contexto social.

O profissional de Educação Física tem uma enorme responsabilidade, pois é nas suas aulas em que mais se evidencia o comportamento agressivo dos alunos. E é aproveitando a sua missão como socializador, que deve abraçar esta causa, para proporcionar ao aluno uma vida e uma visão de mundo melhor (DIAS, 1990, p.25).

Neste sentido, o presente trabalho justifica-se pela importância do tema para os profissionais de Educação Física no âmbito pré-escolar.

1.3 OBJETIVOS

Este trabalho faz uma análise da agressividade manifestada em idade escolar e pré-escolar nas aulas de Educação Física enfatizando os objetivos abaixo relacionados:

- Analisar os tipos de agressividade encontrados em crianças;
- Discutir as origens dessa agressividade;
- Verificar as causas de manifestações agressivas nas crianças;
- Identificar a melhor maneira de chamar a atenção e de corrigir essas crianças;
- Discutir as ações que deverão ser tomadas pelos professores nas aulas de Educação Física diante de atitudes agressivas exageradas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DEFINIÇÕES DE AGRESSÃO

Agressão é uma ação em que a criança pretende danificar alguém ou alguma coisa. Tudo depende da intenção com que ela comete uma atitude agressiva, o difícil, porém, é identificá-la (BEE, 1977, p. 23). MOSER (1991) considera a agressão um comportamento específico entre um agressor e a sua vítima. Sob a ótica do agressor, deve se considerar o motivo e objetivo do seu comportamento, mas sob o ponto de vista da vítima, tudo que traz dano a alguém pode ser considerado agressão.

Segundo Bandura “a agressão consiste em dirigir estímulos nocivos de forte intensidade, provocando ferimentos físicos e morais.” (Bandura apud Moser, 1991, p.15). Dollard, Bekowitz e Zillman acreditam que a agressão é o ato de ferir ou prejudicar física ou moralmente outra pessoa ou alguma coisa que a represente. Pesquisadores da corrente cognitivista pensam que o comportamento agressivo torna-se de fato uma agressão pelo julgamento do observador, que interpreta o que viu e identifica seu caráter perante a lei e seus valores. O mesmo comportamento pode ser considerado justo pelo agressor, e pode não ser pela vítima. Existe para cada situação um nível de nocividade permitido por lei e pela ética social, que deve ser considerado na avaliação de qualquer atitude (MOSER, 1991, p. 15). Mas apesar de tudo, a palavra agressão vem sendo utilizada de uma forma muito ampla. É utilizada para referir-se ao comportamento do homem que defende sua vida, ao ladrão que mata a vítima para pegar seu dinheiro, e igualmente ao sádico que tortura seu prisioneiro. A confusão vai ainda mais longe, pois considera-se agressão também a investida sexual do macho e da fêmea, e o esforço sobrenatural de um homem para continuar sua escalada. Há uma mistura dos atos de defesa, dos atos de construir, dos atos de destruir. “A palavra agressão serve como ponte para ligar de forma biológica a agressão adaptativa que é inata, com a destrutividade e a crueldade que é maligna” (FROMM, 1975, p. 18).

A forma mais fácil de começar um estudo sobre a agressividade é descobrir suas origens, e analisar como cada corrente de pesquisa justifica tais atitudes.

2.2 TEORIAS DA AGRESSÃO

2.2.1 Teorias Instintivistas

Há uma grande gama de autores (como Thomas Hobbes, Herbert Spencer, Freud, dentre outros) que acreditam que o comportamento agressivo é inato, ou seja, que já nasce com o sujeito, é instintivo, e faz parte da natureza animal do homem, como a reprodução e a manutenção da vida.

Thomas Hobbes (1588-1679), Herbert Spencer (1820-1903), Freud e os darwinistas sociais acreditavam que é a hereditariedade a grande responsável pelas características de cada ser humano, passadas dos pais para os filhos (PEREIRA, 1975, p. 40).

SINGER (1975) coloca que Freud propôs uma segunda teoria da agressão, depois de abandonar a primeira (mencionada na seqüência), baseada em suas experiências com a Primeira Guerra Mundial. Ele diz ter dois tipos de impulsos que guiam as vidas humanas: um deles, é a força de construção da vida ou força erótica, que seria o instinto de reprodução, cujo único objetivo é a manutenção das espécies; o outro impulso, é a força destrutiva, orientada para a morte. Esta última é advinda de instintos que agem contra àquela primeira tendência, e busca devolver à matéria viva sua condição inorgânica. Esse instinto agressivo, apesar das tentativas de controle, é um comportamento que precisa, de uma forma ou de outra, ser exteriorizado e combatido. O instinto de morte pode ser dirigido contra o próprio organismo e, dessa forma, é uma tendência autodestrutiva; ou pode ser dirigido para fora e, nesse caso, tende a destruir os outros antes que a própria pessoa.

Já Lorenz considera a agressão um instinto de luta que o homem compartilha com outros organismos vivos. Este instinto evoluiu junto com o homem ajudando a garantir sua alimentação, reprodução, e o estabelecimento de hierarquias dentro de seu grupo (MOSER, 1991, p. 61). Para Lorenz, assim como para Freud, a agressividade humana é um instinto alimentado por uma fonte ininterrupta de energia, e não é necessariamente o resultado de uma reação do sujeito a estímulos externos. Lorenz baseia sua teoria no estudo comportamental dos animais. Diz que o instinto agressivo

deve sofrer um processo de purificação cada vez que surge. Caso contrário haverá uma explosão do indivíduo, podendo levá-lo a atitudes violentas. SINGER (1975, p. 36). Ele sustenta ainda que " a energia específica destinada a um ato agressivo acumula-se continuamente nos centros neurais relacionados com esse padrão de comportamento, e, caso haja acumulado energia suficiente, é possível que ocorra uma explosão, mesmo sem a presença de um estímulo." (p. 37).

"A auto conservação exige que um animal leve dentro de si o potencial para ação agressiva, porquanto o mundo natural é um lugar onde ameaças hostis devem ser vencidas ou evitadas afim de que a vida continue. " (p. 49). Não existe algo chamado de simples instinto de luta, no sentido de uma força interna a ser satisfeita. Existe, contudo, um mecanismo fisiológico interno, que basta ser estimulado para produzir luta (STORR, 1968, p. 30).

Há outras teorias entretanto, que acreditam ser a agressividade uma emoção provocada por situações cotidianas, ambientais, e que depende exclusivamente dessas.

2.2.2 Teorias Ambientalistas

Segundo os ambientalistas o comportamento do homem é moldado apenas pelo meio ambiente no qual interage, o que inclui fatores culturais e sociais que atuam sobre o indivíduo (FROMM, 1975, p. 63). Os behavioristas podem resumir bem essas teorias, pois acreditam que os seres humanos sempre agem conforme seus próprios interesses e que, portanto, é possível modelar e controlar seu comportamento (TRAIN, 1997, p.17).

René Dubos coloca que o homem é um produto do ambiente em que vive, e que se este não lhe der as condições adequadas, não manifestará qualquer determinação orgânica. John Locke e Jean Jackes Rousseau acreditam que quando a criança nasce, pode ser comparada a uma folha em branco, na qual vão sendo impressos seus aprendizados e suas conclusões a respeito das situações enfrentadas e presenciadas no decorrer da sua vida (PEREIRA 1975, p. 39).

Segundo HUKSLEY, citado por PEREIRA (1975, p. 40), "a criança recém nascida não vem ao mundo com um rótulo de varredor de ruas ou caixeiro, de bispo ou duque; nasce como uma massa de polpa vermelha indiferenciada, e é somente educando-a que podemos descobrir suas capacidades."

A Teoria da Frustração coloca o comportamento agressivo como sendo a resposta do organismo para a não realização de uma vontade do sujeito. Freud propôs esta como sendo sua primeira teoria da agressão, a qual abandonou posteriormente, mas que acabou dando margem para os estudos de Dollard mais tarde (MOSER, 1991, p. 61).

John Dollard da Universidade de Yale, junto com seus colaboradores formulou uma teoria em 1930. Ele supõe que a agressão é uma reação provocada pela exposição do sujeito a alguma situação frustrante, mas diz que a aprendizagem pode alterar essas circunstâncias, fazendo com que seja mais tolerante a provocações, e que controle seus sentimentos (SINGER, 1975, p. 37).

Há ainda um outro ramo de pensamentos, que diz ser a agressão um fator aprendido, podendo não ter qualquer intenção a princípio. São as Teorias Culturais e de Aprendizagem Social.

Crianças, e até animais, aprendem a lutar com brincadeiras entre irmãos e colegas, ou observando e depois imitando os adultos em atitudes agressivas. Segundo Albert Bandura, da Universidade de Stanford, grande parte do comportamento da criança é mera reprodução das atitudes de pessoas com quem convive, principalmente os pais. Para as crianças, os pais são modelo em todos os aspectos, e acima de tudo, são os seus heróis. Ao se depararem com uma situação nova, onde não saibam como agir, as crianças retomam as atitudes do pai ou mãe, e imitam-na, nem que por fim acabem prejudicadas (SINGER, 1975, p. 38).

A agressividade, porém, é usada para os mais diferentes fins, e por todas as pessoas. As atitudes agressivas passam a ser um meio de atingir determinados objetivos.

2.3 FATORES DA AGRESSÃO

Há vários fatores que podem motivar a agressão. Um deles é a frustração de não ter um objetivo atingido. Outro motivo é a necessidade de vingança ou de equilíbrio a danos físicos e/ou morais que o sujeito tenha sofrido de terceiros.

2.3.1 As Formas de Agressão

Segundo SINGER (1975), a agressão pode ser classificada em: predatória; entre machos; induzida pelo medo; irritável; territorial; maternal; ligada ao sexo e instrumental. Estes conceitos podem ser definidos pela situação que o provocam.

MOSER (1991) divide a agressão em hostil, instrumental, e expressiva. A agressão hostil trata-se do comportamento que visa causar algum mal ou sofrimento a outra pessoa. A agressão instrumental usa o ataque, ou a agressividade, como meio e não como fim. A pessoa busca um ganho, ou qualquer outra coisa, mas nunca o seu objetivo é atingir o outro em si. E a agressão expressiva seria a necessidade de externar a violência e/ou a agressão simplesmente.

Já segundo STORR (1968), a agressividade pode ser provocada pelos fatores abaixo mencionados, lembrando que tratam-se aqui especificamente de análises com animais. No caso de seres humanos, deve-se levar em conta que a sociedade como um todo, tem uma organização muito mais complexa. Contudo, vê-se que em muito se assemelham os comportamentos de forma geral.

- **SOBREVIVÊNCIA:** A agressividade deve dar ao animal a capacidade de competir com seus rivais na luta para garantir a sua sobrevivência, a sua vida. O animal deve também deve ser capaz de garantir a si um espaço territorial, de onde possa tirar seu alimento.
- **SELEÇÃO NATURAL:** São as lutas entre os machos que determinam qual deles terá o direito de acasalar com uma fêmea. O objetivo de cada animal é passar sua carga genética para a próxima geração, seus filhos, o qual só poderá ser alcançado pelo mais forte. De um modo geral, a agressão faz com que dentro de um grupo, sejam

escolhidos os animais mais fortes, e dessa forma, a espécie como um todo vá ficando também mais forte.

- **HIERARQUIZAÇÃO:** aqui a agressividade é vista como forma de manter a paz e a ordem. Numa sociedade há sempre o mais poderoso, e depois deste um menos poderoso, e assim sucessivamente. A hierarquia garante a ordem, de forma que o menos poderoso se sinta inibido a atacar seu superior, até que ache ser realmente mais forte que ele.

FROMM (1975) distingue dois tipos de agressão. A primeira é o impulso de atacar ou fugir, que está voltado para a conservação da vida. Esta é a chamada de agressão defensiva ou benigna. O outro tipo é a agressão maligna, onde se usa a crueldade e a destrutividade, a qual não tem finalidade alguma a não ser o simples prazer em si mesma.

Segundo LAPIERRE e AUCOUTURIER (1988), todo o ser humano defronta-se com outras pessoas, as quais irá disputar seu espaço e seu direito a existência. Essa é considerada a agressividade natural, qualificada de primária. Caracteriza-se justamente pela afirmação do desejo do indivíduo, e por isso, deve ser respeitada e trabalhada de forma construtiva e consciente. Caso contrário, esta passa a ser uma agressividade nociva, pois acaba por deturpar os valores individuais e sociais, impedindo o sujeito de realizar suas atividades de forma racional.

O grande problema é: como impedir essas atitudes agressivas, para que não acabem por prejudicar pessoas?

2.3.2 A Inibição da Agressão

A inibição da agressão vem por medo de castigo, angústia ou sentimento de culpa referente a uma atitude agressiva. Estes sentimentos são considerados um castigo anterior mesmo ao ato e ao sentimento agressivo, como uma auto punição, antes mesmo que se tenha qualquer tipo de atitude agressiva. Outro motivo que pode vir a inibir atitudes agressivas, é a empatia, conceituada como a capacidade de considerar uma atitude do ponto de vista da pessoa que recebe a ação. Isto pode levar

o agressor a uma experiência indireta das conseqüências de sua atitude. Quanto mais uma pessoa sente indiretamente a emoção dos outros, menos satisfatório e reforçador será o sofrimento de quem iria ser agredido (SINGER, 1975, p.132).

A punição, para que seja um meio eficiente de controle da agressão deve ser imediata. Às vezes apenas o medo do castigo acaba por inibi-la (MOSER, 1991, p. 64).

DIAS (1990) coloca que o simples fato de o professor tornar as aulas de Educação Física mais lúdicas e atrativas aos alunos já é um fator que inibe a agressividade. O professor deve buscar proporcionar experiências positivas para os alunos, evitando provocar o desprazer e a revolta nos alunos.

É necessário ter muita atenção quando pretende-se educar uma criança, pois, em vez de inibir uma atitude agressiva, pode-se acabar incentivando-a, e esta atitude torne a se repetir outras vezes.

2.3.3 O Reforço da Agressão

Às vezes a agressão compensa, e muito. Ela pode ser usada como um meio fácil e rápido de trazer dinheiro, estatus, poder, ...

O reforço da agressão trata-se de um prêmio à atitude agressiva, e acontece pela observação de modelos agressivos não castigados e/ou bem sucedidos (SINGER, 1975, p. 09).

Podemos usar hoje, como exemplo, o Movimento Sem Terra (MST). Seus integrantes invadem fazendas, destróem plantações, criações, matas de preservação, e ainda por cima depredam e inutilizam as instalações das propriedades. Conseguem, com essa forma de agressão, chamar a atenção do governo, e da população em geral. E acima de tudo, acabam ganhando lotes de terra, além de outros benefícios.

Como outro exemplo, pode-se citar também o crime organizado e o tráfico de drogas. Eles sobrevivem graças às ameaças que fazem às pessoas, e ao medo dessas, que não têm "força" para lutar contra eles. As maneiras mais cruéis de agressão, acabam sendo o modo mais eficaz dessas "organizações" conseguirem seus objetivos.

Controlam tudo, pois sabem que todos cedem às suas exigências para não se tornarem vítimas de sua crueldade. A agressividade dá a eles dinheiro e poder.

E não muito longe disso, a escola também é palco de situações parecidas, só que infantis, onde os mais agressivos conseguem os lugares mais cobiçados na sala de aula, o primeiro lugar na fila, conseguem até tirar o lanche do colega mais fraco e pacífico.

Existem inúmeros exemplos que podem ser citados como causas de reforço da agressão, e fica evidente o porque de tanta gente envolvida nesses tipos de esquemas. São péssimos exemplos para as crianças e para toda a sociedade, pois representa uma falsa imagem de sucesso. É uma maneira covarde, porém fácil, de conseguir o que se deseja.

Longe desses extremos, pode-se identificar um certo nível de agressividade normal e aceitável.

2.4. A AGRESSIVIDADE NORMAL

A agressividade natural das crianças, considerada uma atitude normal, aumenta com a idade e vai variando, com o passar do tempo, da forma de violência física e instrumental para a forma verbal e hostil. Vai mudando não só a forma da agressividade, como também, o objetivo e a finalidade. Dos 4 aos 7 anos, a agressividade se manifesta sob a forma de nojo, choros e birra, e em geral é dirigida para os pais. A principal finalidade deste tipo de agressividade é protestar contra as normas morais geralmente impostas pelos pais. Dos 6 até os 14 anos, aparecem outras formas de agressividade e o objetivo destas se amplia dos pais aos irmãos. A finalidade, nesta fase, é competir e ganhar (BALLONE, 2002).

Vive-se hoje em um meio-ambiente artificial, do qual as crianças já participam antes mesmo de nascerem. Desde cedo, seu contato com o mundo fica restrito ao berço e ao seu cobertor, no qual fica “ensacado” um bom tempo, impedido de executar os movimentos que seriam naturais do momento e da idade. As mães, com medo que a criança possa vir a se machucar, não permitem que seus filhos pequenos tenham

acesso à escada, ou que subam em sofás e cadeiras, pois podem cair. Portanto, com tantas proibições e limitações, a criança desde pequena se frustra, e vai adquirindo inúmeros motivos para ter atitudes agressivas (STORR, 1968, p.60).

Com o passar do tempo a criança vai se desenvolvendo e sentindo a necessidade de dominar o espaço em que vive. Essa necessidade é considerada como uma forma agressiva positiva, pois a criança precisa mostrar à sua mãe/pai que já é capaz de dominar as coisas que antes não conseguia, ou que eles não permitiam. A cada momento a criança quer afirmar sua individualidade, provar que não depende, ou que depende cada vez menos, daqueles que os cercam (STORR, 1968, p. 60). O autor (p. 65) escreve sobre a importância das atitudes agressivas para as crianças:

... elas precisam de todo o seu potencial agressivo para proteger e fazer valer sua individualidade em desenvolvimento. ... a dependência e a agressão estão íntima e reciprocamente ligadas. ... quanto mais uma pessoa permanece dependente de outras, tanto mais agressão ela terá dentro de si. Dependendo de outra pessoa, significa estar em poder dela, ... sentir seu poder é como uma influência restritiva que deve ser superada.

Com relação à agressividade mal adaptada, aquela que foge do desenvolvimento normal, cerca da metade das crianças qualificadas como agressivas (50% a 70%) continuarão sendo agressivas futuramente. Essas crianças com agressividade persistente podem ser aquelas que mostraram um início hostil, tanto em casa como na escola, aquelas que tiveram problemas de hiperatividade ou condutas anti-sociais exageradas ou encobertas e não repreendidas pelos pais, tais como roubar ou mentir, durante os primeiros anos escolares. A ideia de que a agressividade, uma vez estabelecida, tende a perdurar, pode levar a pensar que esta conduta é intratável e não tem solução. Mas o certo é que, entre 25 e 50% das crianças com um início precoce de comportamento agressivo, reduzem sua agressividade. Parece ainda haver uma diminuição do nível de agressividade, em termos gerais, entre os 5 e 8 anos, diferente entre a menina e o menino (BALLONE, 2002).

Um dos principais agravantes da criança que manifesta uma agressividade excessiva, é que ela passa a se distrair com facilidade. Por causa do seu alto nível de ansiedade, não consegue se concentrar fixamente em uma coisa, e por isso, vai ter dificuldades na retenção de informações, o que implica no déficit do seu aprendizado

escolar (TRAIN, 1997, p.144).

Cada indivíduo possui um meio próprio de manifestar agressividade, que tem ligação com várias características individuais.

2.5. DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AGRESSÃO

2.5.1. Temperamento

Tradicionalmente se observa que as crianças agressivas costumam ser geniosas, temperamentais, ter a personalidade forte ou coisas assim. O temperamento é responsável pela maneira como a pessoa se relaciona com a realidade, e pode ser entendido como uma espécie de moderador das relações interpessoais das crianças com seus cuidadores. Considerando tipos de temperamento tais como ativo, variável e tímido, pode-se observar que os temperamentos ativo e variável se correlacionam mais positivamente com agressividade em meninas, enquanto em meninos, as correlações hostilidade-temperamento são mais significativas entre os do tipo ativo (BALLONE, 2002).

As crianças com um temperamento mais ativo, intenso, irritável, têm maior probabilidade de reagir de forma desapropriada ou exagerada diante de pequenas dificuldades. Essas crianças, devido a sua conduta explosiva, tendem a criar estresse na relação com a mãe/pai, e isso poderia fazer com que esses pais/mães, tendam a dificultar o contato com seus filhos, normalmente considerados "difíceis", passando a considerar a conduta dessas crianças como problemáticas, a qual poderia ser o início do desenvolvimento de condutas agressivas (BALLONE, 2002).

Em entrevistas com prisioneiros, onde a causa de suas penas eram atitudes violentas, Toch constatou que a maioria deles eram inseguros e tinham a auto-estima baixa. Na seqüência desta pesquisa, os próximos a terem essas características eram os líderes de gangues (MOSER, 1991, p.31).

Já outro autor, Megargee, concluiu que criminosos violentos são passivos e super-controlados, mas diante de situações de forte provocação acabam por liberar

toda uma energia agressiva acumulada de outras situações onde mantiveram o controle, em uma explosão, como explica mais adiante Singer (MOSER, 1991, p.31).

E as prisioneiras? E as meninas? Como fica a questão do sexo frente a comportamentos e tendências agressivas?

2.5.2 O SEXO

Tem-se dito sempre que os meninos são mais agressivos que as meninas, que há mais casos de meninos agressivos que de meninas, uma diferença notada na maioria das culturas do mundo inteiro, em quase todas as épocas, e em muitas espécies animais também (TRAIN, 1997, p.36).

As diferenças de comportamento entre os sexos surgem na idade escolar junto com o processo de socialização da criança. Os meninos, quem sabe por uma questão de maior imaturidade, estão menos preparados psicologicamente que as meninas para a socialização, para a vida em grupo, a participação cooperativa e, por isso, costumam ter mais problemas de adaptação ao meio e de orientação, além de que, teoricamente os meninos tendem a desenvolver, ao invés de condutas cooperativas, como as meninas, condutas competitivas, o que favorece com que venham a ter um modelo mais agressivo de comportamento. Os meninos tendem bastante a usar a agressão física, mas também mostram mais agressão verbal do que as meninas, são particularmente propensos a reagir com agressão física quando são atacados ou quando alguém interfere em suas atividades (BALLONE, 2002).

Foi constatado em pesquisa de Busr (1996) que quando a vítima ou o agressor era do sexo feminino o efeito de sua atitude era menor ainda (SINGER, 1975, p. 132).

STORR (1968, p. 75), coloca que:

Nas espécies superiores de animais, incluindo a nós mesmos, o macho normalmente é mais agressivo que a fêmea. As lutas ritualizadas, ..., são fenômenos essencialmente masculinos; as fêmeas não lutam entre si por posição ou território. Não significa negar que as fêmeas não possam ser agressivas... . A agressão na fêmea, em geral, só é despertada totalmente em resposta a ameaça, especialmente se suas crias estão envolvidas, ...

É provável que o fato de o macho ser mais agressivo, seja para garantir uma maior separação da mãe, em virtude de uma exploração mais detalhada do ambiente, o que no futuro lhe dará maiores condições de fundar e proteger sua família (STORR, 1968, p. 76).

As diferenças entre meninos e meninas com relação a agressividade parecem surgir durante o segundo ano de vida. Entretanto, não se sabe ainda ao certo porque, mas a tendência observada é de que durante a faixa dos 3 a 4 anos, os meninos aumentavam ou mantinham a agressividade, e as meninas a diminuía (BALLONE, 2002).

Um outro aspecto interessante que separa também homens de mulheres, é a questão genética. Somente um, entre os 23 pares de cromossomos, difere os machos das fêmeas: a mulher tem um par igual (XX) enquanto o homem tem um cromossomo igual ao da mulher (X) e um outro diferente (Y), portanto o XY, característico do sexo masculino, que determina a distribuição hormonal e as demais características do homem.

No estudo da agressão, Witkin *et al*/ fez uma pesquisa analisando uma anomalia cromossômica, o genótipo aberrante XYY ao invés do XY normal. O sujeito que possui o genótipo XYY, tem como uma de suas principais características a conduta extremamente agressiva, de onde poderia aventar-se a hipótese de que os sujeitos portadores de um cromossomo Y já estariam dispostos para condutas agressivas e anti-sociais, diferente das mulheres, que não possuem o cromossomo Y. Mas este comportamento só se manifestaria, em toda sua amplitude, quando se somassem uma série de elementos ambientais adversos. Analisando a história de homens normais (XY) e os que apresentavam a anomalia (XYY), constatou-se que havia uma maior taxa de criminalidade (41%) entre os últimos, enquanto os primeiros apresentavam apenas 9%. Coloca-se também que essas atitudes agressivas cometidas por esses sujeitos são resultado do déficit intelectual causado pela anomalia (MOSER, 1991, p. 32).

A este favor pode-se citar ainda o fato de que durante séculos, o conhecimento geral atesta que um garanhão selvagem castrado torna-se muito mais dócil. Igualmente, a castração de um touro selvagem transforma-o num boi trabalhador e

submisso. Isso implicaria em que, tirando-se os instintos reprodutivos dos machos caracterizado pela perda de sua fertilidade, ter-se-ia um animal com atitudes agressivas reduzidas (BALLONE, 2002). TRAIN (1997), coíoca que diversos especialistas neurofisiólogos concluem que os comportamentos e respostas agressivas em indivíduos do sexo masculino são devidos ao fato de terem um nível elevado de testosterona no corpo.

A agressividade, como já visto nas Teorias citadas no início do texto, tem um caráter ambiental muito importante que também deve ser levado em conta, além das diferenças entre os meninos e as meninas.

2.5.3 O MEIO

2.5.3.1 A família

A harmonia familiar atuaria como fator de proteção e segurança necessários ao desenvolvimento confortável da criança, contribuindo para uma melhor adaptação emocional ao meio e favorecendo um desenvolvimento sadio de condutas sociais (BALLONE, 2002).

O comportamento agressivo é mais comum em famílias anti-sociais, segundo análise de SINGER (1975). Ocorre em famílias onde a relação entre pais e filhos é muito ruim e falta muito a questão da afetividade; o castigo físico é exageradamente utilizado. Sujeitos anti-sociais não têm habilidade para lidar com o seu meio, não têm paciência para se relacionarem com as pessoas, e por isso acabam se frustrando, e sendo cada vez mais agressivos.

BALLONE (2002) coloca que:

Pais com traços anti-sociais da personalidade podem ter dificuldades para dar mostras de aprovação e incentivo para seus filhos, não respeitar a autonomia destes e serem demasiadamente controladores. Algumas crianças envolvidas em situações agressivas não aprenderam as habilidades sociais necessárias e desejáveis para relacionar-se com os demais, não são disciplinados para a consecução de objetivos e não aceitam críticas. Isso muitas vezes reflete um modelo de conduta aprendido no ambiente doméstico.

Um dos fatores que influencia o nível de agressão da criança é o modelo de comportamento dado pelos pais. Bater em uma criança mostra um modelo de ação agressiva, como resposta a uma frustração ou raiva. Sugere-se que crianças que são frequentemente castigadas fisicamente, são mais agressivas do que outras crianças que não sejam (BEE, 1977, p. 200).

Crianças que são rejeitadas podem se tornar altamente agressivas, pois tornam-se muito frustradas. Mas o outro extremo também não é benéfico, pois famílias muito liberais podem tornar as crianças muito agressivas na medida que punem as atitudes agressivas algumas vezes e outras não. As famílias que parecem ter as crianças menos agressivas são aquelas onde não há muita permissividade, punição, e rejeição (BEE, 1977, p.198).

O ambiente familiar ideal para que a criança não venha a ter comportamentos agressivos, deve oferecer coerência nas rotinas, regulamentos e regras da casa. As decisões devem ser tomadas em comum acordo entre pai e mãe, para que não hajam conflitos e nem discórdias na frente dos filhos (TRAIN, 1997, p.95).

Não se deve esquecer que os meios de comunicação estão presentes nos lares destas famílias, e eles também influenciam na agressividade de quem tem acesso a eles.

2.5.3.2 Meios de comunicação

Segundo OTTA (1998), hoje em dia é comum assistir cenas de violência e agressividade na televisão a qualquer horário, em filmes, desenhos, tele-jornais reportagens e programas. Nos jornais de circulação diária, e também nas revistas é fácil encontrar matérias que utilizem a agressividade como modo de chamar a atenção do leitor. Às vezes, o excesso desses estímulos visuais podem incentivar e até mesmo despertar comportamentos agressivos nas pessoas.

As pesquisas de Bandura mostram que a exposição a modelos agressivos provoca uma imitação em quem os assiste. Não são as crianças agressivas que preferem filmes agressivos, e sim os filmes que estimulam as crianças a terem atitudes

agressivas. Outro fator em que cenas violentas influenciam os sujeitos que as assistem, é o fato de acabar se acostumando com tais atitudes. A perda de sensibilidade diante de cenas agressivas acontece com uma exposição mais freqüente do sujeito a elas (MOSER, 1991, p. 98). Assistir à cenas de agressividade ou violência faz com que a criança acabe achando que são permitidas soluções violentas para os problemas, aiém disso pode tornar-se imune aos estímulos do seu mundo, o qual acaba ficando monótono para ela (TRAIN, 1997, p.53).

As atitudes competitivas, agressivas ou não, que acontecem nos jogos e na televisão, guardam relação com os adversários com quem se esteja jogando/assistindo ou com o tipo de jogo que se utiliza e, apesar de estimularem a luta entre meninos (mas não entre meninas), só se constata o aumento da agressividade durante e/ou imediatamente depois. Essa agressividade parece não se manter em outras situações e nem repercutir em longo prazo (BALLONE, 2002).

A respeito dos fatores positivos dos meios de comunicação para reduzir a agressividade, estes serão citados na página 21.

Qualquer coisa ou pessoa que esteja presente no mesmo campo de atuação de um sujeito vai ter algum tipo de influência sobre ele.

2.5.3.3 Ambiente

Qualquer agricultor sabe que para uma planta ser sadia, precisa de cuidados desde o início. A semente precisa de calor, umidade e adubação adequada para brotar, bem como a planta precisa ser regada, e retiradas as ervas daninhas próximas que lhe enfraquecem. Com o ser humano acontece a mesma coisa, há condições ambientais que irão lhe proporcionar um bom desenvolvimento, e outras que só irão lhe prejudicar.

Sabe-se que o caráter do homem é formado no ambiente que ele vive, ao qual está exposto. O homem é moldado por sua sociedade, ele tem plenas condições de se desenvolver e progredir, contanto que as condições externas lhe permitam (FROMM, 1975, p. 348).

VAYER e TOULOUSE (1985) colocam que a afetividade entre as pessoas, serve como base para que as interações do sujeito com o seu meio sejam cada vez mais satisfatórias. A Educação Física, portanto tem como tarefa trabalhar e dinamizar este significado afetivo, canalizando-o para uma convivência positiva, abrangendo os âmbitos pessoais e sociais.

“É através do domínio da agressividade que começa a adaptação ao outro... encontrar os limites do outro é também fazê-lo conhecer seus próprios limites.” (LAPIERRE E AUCOUNTURIER, 1988, p. 62). Esta percepção de si mesmo e do outro pode ser explorada através das atividades de Educação Física, já que o indivíduo pode melhor refletir sobre suas ações através da linguagem corporal, tornando-se um ser social (DIAS, 1990, p. 24).

Portanto, têm-se plenas chances de transformar uma criança exageradamente agressiva em uma criança dócil e controlada. Para isso deve-se dar a ela uma educação adequada.

2.6 A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA AGRESSIVA

Uma das maiores dificuldades de se lidar com sujeitos agressivos, é que, pelo fato de já serem anti-sociais, são desconfiados e rejeitam a aproximação, são pessoas negativas e fechadas. Para que possa ser ajudado, o sujeito deve querer ser ajudado. É fundamental que desenvolva interesse em enquadrar-se numa cultura que seja socialmente aceitável. SINGER (1975) faz uma análise de atitudes que podem minimizar a agressividade:

REFORÇO DIRETO: Dar privilégios ou premiação para atitudes não agressivas, ou seja, comportamento adequado. O reconhecimento pela melhoria de comportamento, o elogio, são fatores motivantes para uma melhoria na conduta.

O AUMENTO DE INIBIÇÕES: O aumento da angústia/mal-estar diante de atitudes agressivas, e o aumento da empatia tendem a acarretar uma diminuição da agressividade. O comportamento social pode ser estimulado nas crianças através de representações teatrais, nas quais sejam apresentadas situações que necessitem de companheirismo e compaixão. Como por exemplo pode-se citar a representação de um

menino que não ganhou balas, e vendo isso, os colegas que ganharam acabam por dividirem as suas com ele. É importante que fique clara a maior vantagem de se ajudar as pessoas, e que as crianças percebam isso, pois acabam por aumentar a empatia. Séries de relaxamento também ajudam a pessoa no aprendizado de seu autocontrole.

APRENDIZAGEM DE AGRESSÃO ADEQUADA: Os indivíduos anti-sociais e agressivos devem ser instruídos a como lidar com suas frustrações, e a como enfrentar de uma maneira moderada uma atitude agressiva do colega. Pode ser feito com a reprodução de uma situação onde houve um comportamento inadequado, em forma de teatro, e em grupo tentar encontrar uma outra alternativa como resposta ao problema.

MODOS VERBAIS DE TRATAMENTO: Sujeitos anti-sociais não assumem as responsabilidades e nem as conseqüências de seus atos, colocando a culpa nos outros. O educador tem como obrigação esclarecer para o agressor a situação, mostrar-lhe que exagerou e poderia ter agido de outra forma. Os laços afetivos entre educador e educando influenciam muito na aceitação dos valores que estão tentando ser ensinados.

“ O uso de argumentação verbal, ou de um meio verbal de disciplina, controle rigoroso do comportamento da criança, o uso de negação de afeição para motivar a criança a aceitar os valores ou padrões verbalizados, e preocupações quanto às intenções adjacentes ao comportamento - tudo isso tende a criar controles interiorizados do comportamento.” (Aronfreed apud Singer, 1968, p. 134)

Quanto à educação da criança agressiva, MOSER (1991) explica que só são aprendidas as atitudes em que se tem êxito, enquanto as atitudes em que se fracassa não são repetidas. O educador tem a obrigação de tornar claro para o aluno que há mais pontos negativos em uma atitude agressiva, que pontos positivos, e assim poderá fazer com que a criança passe a utilizar outros meios de atingir seus objetivos. Há também a aprendizagem por imitação, onde o sujeito procura agir da mesma maneira que um modelo que se saia bem.

Como já citado anteriormente “a energia específica destinada a um ato agressivo acumula-se continuamente nos centros neurais relacionados com esse padrão de

comportamento, e, caso haja acumulado energia suficiente, é possível que ocorra uma explosão, mesmo sem a presença de um estímulo.” (SINGER, 1975, p. 37).

HALL e LINDZEY (1979) dizem que ao bloquear esta a descarga de energia de um indivíduo, acaba-se por reprimí-lo, e esta energia vai acumulando em seu interior. Se este processo continuar aumentando, no momento em que alcançar um dado limite, haverá uma tentativa de quebra desta repreensão, podendo gerar no indivíduo condutas irracionais e impulsivas, e ocasionalmente atingir um colega.

Uma maneira de amenizar esse acúmulo seria canalizar essa tensão para outro tipo de atitude que não venha causar danos em ninguém. Hilgenberg mostrou em seus estudos que uma espécie de peixe extremamente agressivo quando isolado, aumenta sua atividade de escavação no fundo do aquário. Isso significa que pelo fato de não ter outros peixes para brigar, acaba por liberar suas tensões em outro tipo de atividade. Com os seres humanos acontece a mesma coisa, quando por exemplo, se pratica uma aula de boxe, canalizando para o saco de areia toda a energia que gostaria de estar empregando no rosto do sujeito que lhe ofendera (STORR, 1968, p. 35). Chama-se a isso de catarse, que é a oportunidade que tem o sujeito de descarregar sua cólera, diminuindo a tensão e impedindo uma atitude agressiva futura. Mas segundo Hokanson, o prazer de liberar as tensões pode ser um fator que motive a atitude agressiva (MOSER, 1991, p. 93).

A agressividade, segundo VAYER E TOLOUSE (1985), quando não canalizada e elaborada para fins construtivos, vai dificultar, dentre outras coisas, o potencial criativo do sujeito. Ele deixa suas atitudes agressivas resolverem todo tipo de conflito ou qualquer barreira que esteja a sua frente. Com isso, deixa de raciocinar e criar soluções aceitáveis e que estejam dentro das leis morais e sociais, para seus problemas. A criança deixa de pensar e construir, para agir impulsivamente.

É aceita a hipótese de que quando o impulso agressivo é despertado, depois da frustração, este poderia ser reduzido em parte por acontecimentos imaginados pelo sujeito, ligados à satisfação do impulso agressivo, ou pela observação de alguma cena que tenha relação com a atitude que gostaria de tomar. Entretanto os estudos de Leonard Berkowitz, da Universidade de Michigan, deixam um alerta: a violência

mostrada na televisão para pessoas que não estejam muito perturbadas, pode ser uma maneira de liberar suas tensões. Mas para pessoas que estejam muito abaladas, essa exposição pode levar a um aumento na agressão, podendo esta vir a ter reações violentas, por causa de uma estimulação (SINGER, 1975, p. 37).

Crianças que observam atitudes agressivas de colegas que são recompensados se tornam mais dispostas a cometerem as mesmas atitudes com outras pessoas, além de acabarem aprendendo outras formas de agressão (BEE, 1977, p. 198).

A punição, segundo MOSER (1991), é uma forma de cessar/diminuir a agressividade, se usada imediatamente. A punição é mais eficaz se ficar claro que a sociedade ou outra pessoa estão prontos para utilizar meios de não permitir o uso da agressividade e nem de atitudes agressivas. Essa punição certamente deve se enquadrar nos padrões e normas aceitas pela sociedade (MOSER, 1991, p. 96).

VAYER E TOLOUSE (1985) dizem que o papel do professor é fundamental, já que as manifestações de agressividade dentro da escola, são mais freqüentes nas aulas de Educação Física. É a partir de suas estratégias de aula que deve conduzir suas atividades criando situações que representem os valores humanos e sociais, nas quais o aluno possa se integrar e interagir, tomando consciência de suas atitudes e das atitudes dos outros. Como dizem HALL e LINDZEY (1979), a Educação Física, por ser um trabalho físico e mental ao mesmo tempo, pode levar o indivíduo à "liberar suas energias acumuladas" advindas dos impulsos agressivos não exteriorizados. Ela auxilia no processo de alívio das tensões, reduzindo a agressividade que é nociva a quem o cerca. Utilizando os conceitos da Física, não se pode realizar uma atividade física sem alterar e/ou transformar esta energia em trabalho. O importante é que esta seja usada pelos alunos de forma positiva, visando o seu desenvolvimento. Nas aulas de Educação Física, o professor deve proporcionar atividades que canalizem a agressividade maligna e nociva, definidas por FROMM (1975), e orientem a agressividade primária, que é a benigna (DIAS, 1990, p. 04). O aluno agressivo deve ser visto pelo professor como alguém que precisa de ajuda, e não como uma personalidade anormal a ser isolada do restante dos colegas, ou simplesmente ignorada. Esta criança é vítima de suas próprias atitudes (TRAIN, 1997, p.62).

3. CONCLUSÕES

Há uma série de teorias a respeito da origem da agressividade, cada uma apontando para lados completamente opostos, mas não há nada realmente conclusivo, e nem que se possa tomar como verdade absoluta. Na realidade, parece haver uma ligação entre essas teorias, dando a impressão que a agressividade é sim um fator inato, mas que só se manifesta quando provocado.

BALLONE (2002) faz uma analogia muito interessante a respeito de como se dá a relação entre a agressividade e a função mental do indivíduo:

Imaginemos a função mental (psíquica) como um cavaleiro que monta um cavalo, representado aqui pelo cérebro (biológico)... Cavaleiro e cavalo representam um conjunto extremamente variável em sua harmonia. Esse conjunto se apresenta desde perfeitamente adequado até um totalmente desequilibrado. Há situações nas quais, apesar de se contar com um bom cavalo, um cavaleiro inexperiente poderia promover um verdadeiro desastre. Por outro lado, podemos ter também um exímio cavaleiro o qual, infelizmente, monta um animal indomável ou ferido onde, apesar de grandes esforços do humano, a situação fugirá ao controle. Esta analogia sugere a necessidade de uma perfeita harmonia entre a função mental e o orgânico.

Vários autores como SINGER (1975), MOSER (1991) e STORR (1968), colocam que a agressividade não pode ser considerada como uma ação que tem o fim em si mesma. Toda a atitude agressiva ou simples manifestação de agressividade é um meio utilizado pelo sujeito de atingir um objetivo qualquer.

Uma das maneiras de se controlar a agressividade é criar na criança um pré sentimento de culpa, pois assim, com medo de castigo ou punição, ela passara a não produzir danos nos colegas. Outro motivo que pode vir a inibir atitudes agressivas, é a empatia, ou seja, a capacidade de considerar uma atitude do ponto de vista da pessoa que recebe a ação. Isto pode levar o agressor a uma experiência indireta das conseqüências de sua atitude. Quanto mais uma pessoa sente indiretamente a emoção dos outros, menos satisfatório e reforçador será o sofrimento de quem iria ser agredido (SINGER, 1975, p.132). É importante que o professor de Educação Física esteja atento a esses detalhes durante a aula, pois é uma ótima oportunidade para ensinar à criança os meios decentes de convivência com os colegas, preparando-os para enfrentar a vida na sociedade.

Ao contrário destas inibições, o educador deve estar sempre muito atento para que não acabe por premiar atitudes agressivas nas crianças, mesmo sem querer. Seria algo desastroso, pois MOSER (1991) explica que só são aprendidas as atitudes em que se tem êxito, enquanto as atitudes em que se fracassa não são repetidas. O educador tem a obrigação de tomar claro para o aluno que há mais pontos negativos em uma atitude agressiva, que pontos positivos, e assim poderá fazer com que a criança passe a utilizar outros meios de atingir seus objetivos.

Hoje em dia, com tantas proibições e limitações, a criança desde pequena se frustra, e vai adquirindo inúmeros motivos para ter atitudes agressivas. Com o passar do tempo ela vai se desenvolvendo e sentindo a necessidade de dominar o espaço em que vive. Esta é uma forma agressiva positiva, pois a criança precisa mostrar à sua mãe/pai que já é capaz de dominar as coisas que antes não conseguia, ou que ela não permitia. A cada momento a criança quer afirmar sua individualidade, para provar que não depende, ou que depende cada vez menos daqueles que os cercam (STORR, 1968, p. 60).

BALLONE (2002) e SINGER (1975) constatam que dentre as crianças, os meninos tendem a ser mais agressivos que as meninas, tanto por questões ligadas a características cromossômicas, quanto pela maneira com que são criados e educados. Essa é uma característica logo observada nas aulas de Educação Física, onde os meninos começam a brigar por times ou pelo melhor lugar na fila, independente da determinação do professor. Este é o momento adequado para interferir nessas atitudes, nos momentos em que ocorrem esses comportamentos o professor deve ser firme para puni-los, de forma que fique claro não serem permitidas atitudes agressivas, e geralmente não tornam a acontecer.

SINGER (1975), BALLONE (2002) e BEE (1977), dentre outros concordam que a educação dada pelos pais a uma criança desempenha importante papel na formação de uma personalidade mais, ou menos agressiva. As crianças com um temperamento mais ativo, intenso, irritável, têm maior probabilidade de reagir de forma desapropriada ou exagerada diante de pequenas dificuldades (BALLONE, 2002).

Os meios de comunicação interferem diretamente no comportamento das

crianças. Cenas de violência podem fazer com que a criança se acostume com atitudes agressivas, e passam a ser comuns, aumentando a probabilidade que esta criança cometa as mesmas atitudes (MOSER, 1991, p. 98).

O homem é moldado por sua sociedade, ele tem plenas condições de se desenvolver e progredir, contanto que as condições externas lhe permitam (FROMM, 1975, p. 348).

SINGER (1975) mostra que a melhor maneira de tratar a agressividade dessas crianças é premiando atitudes não agressivas, ou seja, o comportamento adequado. Provocar também no agressor um mal-estar diante de suas atitudes. As representações teatrais são de grande valia para criar a empatia nos alunos. Aos alunos exageradamente agressivos deve ser dada a oportunidade de aprender a como lidar com suas frustrações, e a como enfrentar de uma maneira moderada uma atitude agressiva do colega. O educador tem como obrigação esclarecer para o agressor a situação, mostrar-lhe que exagerou e poderia ter agido de outra forma. Os laços afetivos entre educador e educando influenciam muito na aceitação dos valores que estão tentando ser ensinados.

HALL e LINDZEY (1979) colocam que a Educação Física é uma ótima aliada para controlar as crianças exageradas, pois é o meio que a criança tem de extravasar a sua energia agressiva acumulada de forma saudável e sem causar danos em ninguém.

Cabe ao profissional de Educação Física proporcionar o desenvolvimento de forma construtiva, ajudando o indivíduo a manter relações saudáveis com o grupo ao qual pertence. (OLIVEIRA, 1983, p. 25.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DIAS, Kátia Pedreira. **A Educação Física como Fator da Diminuição da Agressividade em Menores Carentes**. Rio de Janeiro, 1990. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho.
- BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 1977.
- FROMM, Erich. **Anatomia da Destrutividade Humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- HALL, Caivin S., e LINDZEY, Gardner. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Pedagógica e Universitária L.T.D.A., 1979.
- LAPIERRE e AUCOUNTURIER. **A Simbologia do Movimento, Psicomotricidade e Educação**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1988.
- MOSER, Gabriel. **A Agressão**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- OLIVEIRA, Vitor M.. **O Que é a Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- OTTA, Emma, e BUSSAB, Vera S. R.. **Vai Encarar?** São Paulo: Moderna, 1998.
- PEREIRA, José. **Violência: uma análise do homo brutalis**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1975.
- SINGER, Jerome Leonard. **O Controle da Agressão e da Violência: fatores Cognitivos e Fisiológicos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- STORR, Anthony. **A Agressão Humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

TRAIN, Alan. **Ajudando a Criança Agressiva : Como lidar com crianças difíceis.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

VAYER, Pierre, e TOLOUSE, Pierre. **Linguagem Corporal e Estrutura e a Sociologia da Ação.** Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. **Normas para Apresentação de trabalhos,** 2. Curitiba, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. **Normas para Apresentação de trabalhos,** 6. Curitiba, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. **Normas para Apresentação de trabalhos,** 7. Curitiba, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. **Normas para Apresentação de trabalhos,** 8. Curitiba, 1996.

BALLONE, Gerson. **PSIQWEB.** Disponível em : <<http://www.psiqweb.com.br> > Acesso em 20/06/02.